



## Um

**B**arnabas acordou tremendo, seu coração batendo forte, a respiração descompassada e saindo aos arrancos. Um enorme peso parecia esmagar seu corpo e era como se seus membros estivessem desprovidos de força e acorrentados. Ele enfiou os dedos no travesseiro que o estava sufocando, ergueu-o de cima do rosto e saiu do sonho com um esforço violento, como se precisasse transformar suas mãos em garras para se firmar na realidade. Por longos instantes permaneceu ofegante na escuridão, a flutuar lentamente para fora de seu pesadelo, sentindo-se às vezes deslizar por instantes e ser de novo puxado para baixo, ao encontro das visões apavorantes que iam descendo em espiral para um vórtice cada vez mais profundo.

Girou o corpo, ficando agora de costas sobre a cama e soltou um suspiro. Estendendo as mãos para os lençóis, esfregou a superfície com a ponta dos dedos; depois se retorceu para um dos lados, em direção à janela, a fim de contemplar no céu o brilho da falsa aurora.

Pensamentos aberrantes corriam ao redor de seu crânio enquanto ele lutava para se libertar do pânico que o havia dominado. Imaginou

se deveria acordar Júlia e pedir que lhe aplicasse outra injeção. Ela conservava o frasco com o medicamento sobre o tampo de seu toucador e teria prazer em ser acordada por ele, feliz por poder ajudá-lo.

Seu olhar correu pelo quarto, em busca de segurança. Raios de luz se refletiam vacilantes sobre a madeira da coluna da cama, os entalhes da cômoda, o brilho do espelho. Do outro lado da janela, os galhos do carvalho retalhavam a lua com suas sombras espessas.

Sentou-se com dificuldade, movendo os pés para fora da cama, as solas alfinetadas pela textura espinhosa do tapete grosso. Enquanto contemplava a escuridão, as gavinhas do pesadelo retornaram ondulantes para sua mente. A mulher de seu sonho demonstrara avidez, gemendo ao encontro de seu abraço, erguendo sua boca para encontrar a dele, seu corpo cálido apertando-se contra ele. Seus cabelos eram fragrantes e sua pele recendia a almíscar e ele podia recordar a pena que sentira dela, uma piedade que se formara tal qual uma nuvem ao redor da fome que fluía através de suas veias. Ele praticamente não a conhecia, era uma garota maltratada da Rua do Rio e ele a havia encontrado como tinha achado todas as outras, enquanto caçava durante as noites através dos bares mal iluminados que se apertavam uns contra os outros na zona do cais. Quanta confiança ela havia demonstrado quando se curvara para ele... Sua mão se movera debaixo da capa que ela usava, subindo pela parte mais funda das costas, onde podia sentir as costuras de seu vestido ao redor da cintura dela. Ele sentia a dor de uma necessidade irresistível que lhe enfraquecia o corpo inteiro e sua boca se enchera de amargor com a recordação de sua própria obsessão desprezível.

— Não consigo respirar... — sussurrou ela enquanto ele a apertava contra si.

Ele pretendia então, antes que fosse tarde demais, deixá-la partir. Mas ela acariciara a parte de trás de seu pescoço com o toque leve da ponta de seus dedos e ele estremecera. Ele podia ler os pensamentos dela, do mesmo modo que seus movimentos lhe traíam os motivos: sua capitosa incredulidade perante seus avanços, suas fantasias dançando juntas em um amontoado de possibilidades:

“Collinwood — a senhora da mansão rural — a inveja de suas amigas — posição e vida fácil...” Sua mente provinciana mal conseguia conceber tal riqueza! Seria possível que ele a amasse? Que fosse capaz de torná-la sua esposa? Ela estava desesperada e imprudentemente disposta a tudo.

Ela desatou o laço de sua capa, revelando o brilho lustroso de seu colo e ele lhe acariciou a pele. Ela lhe lançou um olhar lascivo, e segurando sua mão imensa com suas duas mãozinhas bonitas, cobriu-a de beijos. Então, com um suspiro, ela se derreteu em seu abraço.

Ele segurou as madeixas de seus cabelos perfumados e empurrou-as gentilmente para trás. Não eram os seus seios que ele buscava. Seus lábios roçaram o colarinho de seu vestido e se esfregaram pela curva de seu pescoço. Sua pulsação palpitava ali como um tambor...

NÃO! Não mais! Com um esforço, Barnabas se arrancara do sonho e retornara à consciência. Sua respiração irregular e ofegante, ele se levantou, caminhou até a janela e olhou para fora. A lua estava cheia e se embalava no berço formado pelos ramos do grande carvalho que se erguia por trás de Collinwood. Refletia-se nas telhas de ardósia do telhado da torre redonda e ao longo das paredes de pedra, cobertas de trepadeiras grossas que lembravam veias. Sua luz flutuava pelo pórtico calçado com grandes pedras lisas, a balaustrada esculpida e as janelas ogivais com caixilhos de chumbo, retas e verticais no primeiro andar, formando arcos mais acima, iluminando os quartos em que dormia a família que ele considerava como sendo a sua.

Como sempre, o luar o seduzia e ele ansiava para andar lá fora, sentindo a prata líquida correndo em suas veias ao invés de sangue. Mas ele foi tranquilizado pelo primeiro pensamento que lhe passara a mente, no próprio instante em que acordara, e ainda podia recordar a voz incrédula de Júlia em um desvão de sua memória: “Barnabas! Nós conseguimos! Você está curado!” A percepção de que ele não era mais uma criatura da noite e que, finalmente, podia retornar ao escurecer para seu leito, com a consciência limpa, e se levantar ao nascer do sol — essa simples aceitação de um dom

ansiado tão profundamente e todavia tão pouco apreciado pelos homens comuns inundou sua mente com uma alegria desesperada.

Do ponto em que estava parado junto à janela, ele mal podia distinguir, lá bem distante, além do bosque, a Casa Velha aninhada em um prado, brilhando com a fantasmagoria de um templo grego. Ele sentiu um palpitar de nostalgia e, ao mesmo tempo, de uma fascinação maligna. A casa possuía uma beleza neoclássica graciosa, mal localizada entre os bordos e cicutas da Nova Inglaterra e ele imaginou, como já fizera tão frequentemente no passado, um lar totalmente voltado à música e ao riso, bailes encantadores com candelabros cheios de velas acesas e casais girando, as lindas moças em suas saias rodopiantes nos braços de jovens cavalheiros elegantes. As numerosas salas seriam atendidas por escravos bem-humorados que assavam veados com temperos finos, passavam a ferro as roupas de linho e poliam as baixelas e faziam todas as coisas necessárias para que a feliz aristocracia rural pudesse prosseguir sem preocupações no gozo de suas confortáveis vidas de prazeres.

Mas esse não tinha sido o destino daquela mansão condenada, escondida em uma fria cidadezinha da Nova Inglaterra, ainda que magnólias pendurassem seus botões de marfim por sobre o grama-do. Em vez disso, a lua lançava um brilho gélido sobre o edifício pálido, apagando a impressão de qualquer ambiente de calor ou alegria. Abandonado agora, não era um templo, mas um sepulcro, seus quartos vazios ainda reverberando com os passos de gerações da família Collins, em que ele mesmo tinha habitado, e onde, mais tarde, até mesmo se escondera a dormir em um compartimento do porão, depois partindo, somente para retornar de novo para Collinwood em outro disfarce, como se fosse um primo ou um parente distante.

Recordar agora estas lembranças era o mesmo que provar um fruto passado, muito nojento e podre. “Tão parecido com Barnabas”, diziam sempre. “Ora, você podia ser gêmeo dele!” E igual que antes, ele era bem recebido pela família incestuosa, abraçado pelos segredos e as culpas que ninguém mencionava e que isolavam e

distanciavam a família do mundo exterior. “É espantoso. Como ele é parecido com o retrato...”, eles murmuravam uns para os outros.

E ele, suportando a vergonha e os horrores indizíveis, tinha permanecido entre eles durante sete gerações, pretendendo uma semelhança de normalidade, morto, mas não morto, suas fomes macabras crescendo e diminuindo ao longo dos anos de experiências. Suas esperanças transbordavam em vagas promessas, somente para tombar vezes sem conta em total desespero enquanto as garras inexoráveis da maldição, como algemas de ferro, se retorciam novamente ao redor de sua alma.

Até agora.

Agora, final, inacreditável e inconcebivelmente — ele estava livre. “Barnabas! Nós conseguimos! Você não é mais...” — seu rosto se contraiu em uma careta somente pela recordação da palavra — “um vampiro...”. A percepção de que ele estava curado ainda era difícil de aceitar. Ele tinha vivido por tanto tempo como um prisioneiro de suas fomes abomináveis.

Ele abriu os postigos e respirou o ar fresco da noite. Sentiu o cheiro do mar, úmido e pungente e o leve nevoeiro que subia dos amplos gramados da fazenda, adocicado pelo perfume das gardênia e dos narcisos em botão. Uma coruja piou duas notas trêmulas e uma outra lhe respondeu à distância. A atração do luar era forte enquanto revelava o mundo abaixo em detalhes nítidos e brilhantes. Tudo parecia tão claro quanto o dia, somente vazio de cores. As tonalidades de cinza eram infinitamente variadas e o conjunto tinha a textura de um *chiaroscuro* divino que esculpia cada objeto. Ele ainda conseguia ver o orvalho sobre a grama, a curva das folhas grossas da magnólia e a perfeita carnação das flores.

Barnabas percebeu que seu controle retornava enquanto sua respiração se acalmava e seus batimentos cardíacos retomavam seu ritmo normal. Ele estava livre. Curado, finalmente. Humano. Por que então ele ainda era assombrado por esses sonhos? Quase todas as noites ele era acordado por uma corrida febril de lembranças vergonhosas. Se aqueles anos horríveis, aqueles séculos de angústia estivessem

realmente atrás de si agora, se sua vida fosse finalmente tornar-se fácil e normal, desdobrar-se da maneira mais comum à medida que ele envelhecesse, ficasse velho e morresse — como qualquer outro homem — por que então ele ainda era atormentado por essas visões da vida que tivera antes? Sem dúvida, elas logo acabariam por fene- cer e desapareceriam para sempre.

Um cão uivou, longa e melancolicamente e outro respondeu, la- mentoso, solitário, prisioneiro da noite e Barnabas reconheceu aus- teramente a presença de uma alma irmã. Ele também tinha percorrido as extensões enlustradas daquele gramado, que abraçava a escadaria de pedra e o caminho calçado com pedras largas, quan- do sua única interação social ocorria após o pôr do sol e as lareiras eram acesas no grande salão. Somente então ele podia gozar da companhia humana e começar a conhecer — talvez até mesmo amar — os muitos membros da família Collins que consideravam esta casa como seu lar. Fora aqui que tudo havia começado.

Fora quando ele recebera sua noiva que viera de Martinica, a jovem de olhos escuros, pele de um branco de alabastro e sorriso radiante, sua amada Josette. Fora também nessa ocasião que sua criada viajara com ela, a raposa de olhos verdes que havia assom- brado e destruído sua vida, a misteriosa e linda Angélique.

Barnabas estremeceu, pensou em fechar a janela, mas se sentia capturado pela luz do luar a derramar-se sobre a mansão distante e pela melancolia que crescia dentro de seu próprio peito. Porque esta era, dentre todas as noites, justamente a última em que a velha casa permaneceria erguida sobre seus alicerces.

Ele e Júlia tinham concordado, depois de muitas discussões com o resto da família, algumas delas acaloradas, que a casa antiga deveria ser demolida e arrasada até os alicerces. A companhia de demolição chegaria na manhã seguinte. Talvez esse conhecimento fosse respon- sável pela intensidade de seu sonho e ele esperava que, com a destrui- ção da casa, suas lembranças angustiantes também partissem. Júlia tinha razão. Era ridículo conservar em pé a Casa Velha quando já fazia dois séculos que a família habitava a nova e elegante mansão, a

Casa Grande de Collinwood, em que agora ele dormia e acordava para caminhar à luz do sol. A Casa Velha estava mesmo apodrecendo em seu abandono, tornara-se quase uma ruína. Somente o luar lhe emprestava solidez. Suas salas estavam vazias e desertas. Tinha sido a residência de fantasmas por um tempo longo demais.

Barnabas estremeceu novamente e agora era de fato devido ao frio. Os cães que uivavam gemeram novamente, como se pranteando por alguma caverna confortável, perdida quando seus ancestrais ainda viviam em alcateias, e ele estendeu os braços para fechar a janela contra o ar da noite. Nesse mesmo instante, uma lufada de vento correu pelas árvores, sacudindo seus ramos negros para um lado e para o outro, enquanto a própria lua parecia girar no céu. Ele lançou o olhar por sobre as águas-furtadas do telhado e depois para o gramado e mais uma vez estremeceu de susto, a respiração trancada na garganta. Porque havia visto, ou pensara ter visto, o vulto de uma mulher parada sob a sombra das árvores.

Ele somente vira uma silhueta, mas ela estava vestida totalmente de branco e a barra de suas saias roçava a grama do chão. Ela usava uma capa que lhe cobria os cabelos e ocultava-lhe o rosto, mas o ângulo de sua cabeça parecia indicar que ela estava olhando em direção à janela em que ele se encontrava e ele pensou fitar o brilho que emanava do olhar dela.

Seria uma visão conjurada por suas reminiscências? Teria ele permitido a seus sonhos e reflexões invocarem espíritos? Mas não, aquilo não era nenhum fantasma. Ela permanecia ali, claramente desenhada contra as janelas compridas da ala ocidental da Casa Velha. E então, ela se virou e começou a caminhar, desaparecendo na escuridão das árvores.

Quem poderia ser essa mulher? Talvez seu carro tivesse sofrido uma pane na estrada e ela tivesse se aventurado pelo longo caminho da entrada para a mansão até o ponto em que, intimidada pelas janelas escurecidas, tivesse ficado com medo de chegar e bater-lhes à porta a essa hora da noite. E agora ela estava perdida, incapaz de achar o caminho de volta para a estrada. A curiosidade

começou a bater as asas como uma mariposa contra a janela da razão, porque o remorso de suas lembranças estava tão ativo como sempre estivera. Ele se flagrou calculando se poderia ser alguma de suas antigas vítimas, talvez a jovem de seu sonho, alguma alma penada em busca de recompensa, ansiosa por consolo, ainda vagueando pelo purgatório dos não-mortos. Enquanto buscava seu chambre e seus chinelos, ele sorriu amargamente perante os caprichos de sua imaginação. Não havia assombrações vagueando esta noite. Contudo, quem seria ela? Se estivesse em dificuldades, era sua obrigação ir ajudá-la.

Enquanto se movia através do quarto, ele viu de relance o reflexo de sua imagem no maciço espelho de moldura dourada que se erguia sobre o toucador. Recordou o tempo em que não tinha sido mais capaz de ver sua própria imagem nos vidros, e o reflexo o distraiu por um instante. Ali estava ele, iluminado pelo luar, um cavalheiro elegante, com cabelos escuros levemente crespos e apenas começando a ficar grisalhos nas têmporas. Era um homem de linhagem sofisticada, até mesmo aristocrática e seu rosto mostrava traços de nobreza: malares amplos, nariz aquilino, olhos escuros como carvão protegidos por sobrancelhas grossas, uma boca delicada e sensual, lábios que se curvavam em um sorriso secreto e encantador, erguendo-se apenas levemente nas suas comissuras. Era uma face de sensibilidade delicada, o rosto de um poeta. Contudo, ainda brilhando como brasas nas profundezas de seus olhos, aparecia um olhar tão intenso que era quase ferozmente hipnótico.

Enquanto caminhava pelo longo corredor até a escadaria, Barnabas passou pela porta do quarto de Júlia. Por um momento, ele hesitou, imaginando se deveria acordá-la e pedir-lhe que fosse investigar em seu lugar.

Ele lhe havia feito uma solene promessa de interromper todas as suas visitas à Casa Velha. Esta tinha sido uma das condições para sua cura através das longas semanas de convalescência. Ele pensou em sua paciência e em seu profissionalismo, em suas experiências incansáveis, nunca cedendo ao desespero, uma cientista em sua



obra, pesquisando, testando, levantando hipóteses, sempre cheia de otimismo. Querida Júlia... Ele sabia que seu motivo era o amor; ela era mais devotada que qualquer outra mulher que jamais tivesse conhecido. Sua força se encontrava em seus conhecimentos. Ela o salvara e era apenas justo que se tornasse sua esposa. Ela havia falado com tanta seriedade, suas vistas brilhando sobre as altas maçãs do rosto: “Você é como um alcoólatra, Barnabas, que não poderá jamais tomar uma única gota de vinho, percebe? Prometa-me que jamais irá retornar àquele lugar...”

Esta era a razão porque ele hesitava agora, mas então decidiu que somente iria percorrer o gramado e se adiantou resolutamente até a grande escadaria que conduzia ao vestíbulo.

O luar envidraçava a entrada com seu lustro gelado. Enquanto caminhava em direção à porta, ele olhou brevemente — como já fizera milhares de vezes antes — para seu retrato pendurado na parede, que todos imaginavam ser somente uma pintura de seu ancestral, o primeiro Barnabas Collins. Ali estava ele, usando a indumentária de um cavalheiro do século XVIII, segurando sua bengala e a demonstrar grande autoridade, o castão de prata esculpido no formato da cabeça de um lobo. Sacudindo a cabeça tristemente, abriu a porta e ingressou no mundo da noite.

Barnabas se deslocou ao longo da relva úmida em direção ao bosque. O vento sacudia os galhos das árvores e um chuvisco de folhas se espalhava sob seus pés. O orvalho escorria generosamente das folhas longas das ervas e o aroma de ameixeiras e cerejeiras em botão perfumava o ar. A coruja merencória novamente entoou suas notas em timbre de oboé, e Barnabas ergueu os olhos para ver o grande pássaro deslizar sobre sua cabeça em um silêncio surpreendente. Suas amplas asas fecharam uma rápida cortina contra a luz da lua e deixaram uma sombra móvel sobre a grama. Barnabas quase teve uma vertigem ao perceber a longa silhueta negra que ele também lançava sobre o gramado.

Mas ele era o único ser humano a vaguear pela paisagem e sua antiga solidão amarga doía-lhe no coração. A mulher não podia ser

vista em lugar algum. Desvanecera-se totalmente e ele se indagou se não a havia simplesmente imaginado.

Contudo, alguma coisa ainda o puxava e o arrastava para mais além. Ele chegara à orla do bosque. Como em um sonho, ele caminhou pesadamente por entre as árvores, buscando a alma penada que lhe fugira, ainda sem nada ver. Somente os troncos escuros o encaravam, até que ele notou, mais uma vez, a forma inconfundível do pássaro, desta vez pousado em um ramo longo que se projetava de um grande carvalho. À medida que se aproximava, a coruja voltou sua cabeça redonda em sua direção, olhando para baixo, parecendo cheia de curiosidade. Então alçou voo novamente, como uma vela enfunada pelo vento, suas asas prateadas pelo luar, enquanto flutuava acima da copa das árvores.

Barnabas pensou em retornar. Algum pressentimento vago pesava em seu peito, mas ele prosseguiu, atravessando uma clareira e depois atingindo a seguinte.

Misteriosamente, seus pensamentos se voltaram para Angelique e seu último encontro. Nesse momento, sua morte o havia comovido até a compaixão. Depois de ter causado vidas inteiras de sofrimento, ela parecia estar profundamente contrita e havia tentado uma última vez retirar a maldição de sobre ele. “Será possível que você me possa perdoar?”, ela sussurrara. “Tudo quanto eu fiz, foi por amar você...”

Ele tinha sido atraído mais uma vez por aqueles olhos verde-azulados, marejados de lágrimas e havia fraquejado. Seus lábios próximos à sua face, ele murmurara: “Sim, eu te perdoo. Eu te amo. Eu sempre te amei”. Antes que ela morresse, ele proferira essas palavras!

Que tipo de pacto havia feito através da eternidade que jamais o libertava de suas garras? Não obstante, ele se maravilhou com a beleza do rosto dela, mesmo na morte. Encantara-se com o formato de seus braços e a curva de seus ombros enquanto ela tombava contra ele.

Mais de um século antes, ele falhara em suas responsabilidades para consigo mesmo e para com sua família e arriscou tudo quanto

tinha, amor, juventude e a própria vida, somente para permanecer com ela. Por quê? Ela representava tudo o que ele desprezava: a identidade de seu pai era questionável, ela mesma traiçoeira, violenta e despida de virtudes. Mas acendera um fogo dentro dele; mesmo agora, ele recordava a agonia pura de desejá-la...

Naquela primeira noite, depois que ele a mandara embora, Angelique havia caminhado até a porta, suas saias flutuando como ouro derretido sobre o tapete. Então, ela se voltara para lhe lançar as vistas sobre um ombro, seu olhar tão firme e direto, tão cheio com a promessa de abandono, seus olhos opalinos ao mesmo tempo escuros e luminosos, uma gota de saliva brilhante em seu lábio inferior, um olhar tão conhecedor e tão conectado ao seu, que ele se afundou naquele mar. Ela era seda líquida quando lhe estendera os braços, com um odor totalmente seu, como o de ervas crescendo à beira-mar e seu beijo era como o recordava, tão completo e tão úmido quanto ele havia imaginado, enquanto seu corpo inteiro palpitava para ela, pensando que seria capaz de viver dentro de sua boca. Depois tinha perdido toda a lembrança de si mesmo e mergulhara na ferocidade daquele abraço, enquanto ela sugava a medula de seus ossos e os enchia com seu próprio fogo.

Barnabas estremeceu só de pensar nela novamente. Sem dúvida, ela fora a perseguidora e ele fora hipnotizado pelo poder que fluía dela. Quantos milhares de vezes ele revirara os fatos ao redor de sua mente, arranjando e rearranjando os dados, até que se sentira completamente sem culpa e inocente. Barnabas perdera sua alma para Angelique. Pelo menos durante algum tempo isso fora verdade. Tinha plena certeza disso. Ela fora um êxtase maior do que qualquer homem podia ou deveria conhecer.

Naquele instante, antes de sua morte, ele falhara na força de sua resolução e lhe dissera as palavras que ela ansiava por ouvir. Mais uma vez ele imaginou como poderia ter sido tão infiel à sua terna Josette...

Josette! Sua mente imaculada e sua doçura radiante eram tão reais para ele agora como tinham sido no dia em que a conhecera. Ela fora educada com o maior esmero, era cheia de bondade, tinha

maneiras deliciosas e uma conversação encantadora. Subitamente, ele sentiu um desejo avassalador de contemplar o túmulo de Josette, de ficar em pé ao lado daquele lugar em que sua família a enterrara após sua fuga desesperada do horror em que ele se tornara.

Ele estava cansado, até mesmo exaurido por sua busca fútil através dos bosques, mas decidiu caminhar até o cemitério. Tinha certeza de que, caso ficasse junto à sepultura de Josette, aquela sensação doentia em seu estômago seria aliviada.

Já fazia bastante tempo desde a última vez em que subira o recife até Widows' Hill. Estava ofegando em consequência do esforço, porque raramente se exercitara desde sua cura. Ele se resignou ao fato de que não mais possuía aquela força com que se acostumara enquanto era um vampiro, quando a ascensão de um rochedo ou a travessia de um prado era alcançada pelo voo de um instante sobre as asas do vento. Quando chegou ao local de onde Josette se lançara para a morte, sentiu a salsugem do ar e ouviu as ondas se esbatendo lá no fundo. Contemplou o mar escurecido. A lua pairava agora na fímbria do horizonte, seu luar pintalgado flutuando através das águas. Ele se virou e dirigiu-se ao cemitério.

Finalmente, chegou à entrada do local de repouso da família Collins. O portão de ferro estava profusamente entrelaçado pelas gavinhas de um jasmineiro, o ar docemente perfumado; podia ainda distinguir outro aroma, o de gardênias tropicais, pesado no nevoeiro, suas flores abertas nos galhos dos arbustos que pareciam negros sob o luar e cresciam ao lado do portão. De onde se encontrava, era possível avistar o mausoléu e as gárgulas esculpidas sobre a cripta em que passara tantos dias adormecido até o pôr do sol, escondido por detrás de uma porta de pedra, dentro de seu velho ataúde. Seu coração batia de antecipação enquanto ele marchava até o local em que sabia Josette fora enterrada, recordando-se de quantas vezes no passado distante ele se aproximara dali e ficara rezando por sua alma durante horas.

Mas alguma coisa o confundira. A sepultura de Josette não se achava no lugar que ele lembrava. Ali havia somente lápides caídas

e marcadores apagados, cabeças esculpidas e uma estátua vitoriana, que um dia fora elegante, mas que fora desgastada pela passagem do tempo. Havia sepulcros sobre os restos dos falecidos e aqui e ali um sarcófago de pedra se erguia acima do solo. Ele começou a vaguear, procurando entre as pedras tumulares, desorientado e zangado consigo mesmo. Teria sua mente perdido a força, do mesmo modo que seu corpo, em consequência de sua transformação? Começou a ficar impaciente com sua inabilidade de encontrar o lugar de descanso de Josette. Mas como poderia ser possível esquecer de uma coisa tão importante para ele? Começou a retrair seus passos, parando junto às lápides, limpando a terra e as folhagens com as mãos, tentando ler os nomes obscurecidos pela escuridão das sombras.

Totalmente frustrado, ele se encontrou parado diante de um grande anjo de mármore, profundamente desgastado pelas intempéries e parcialmente amaciado pelo musgo. Barnabas não tinha lembrança de haver visto esse monumento antes. O anjo pairava sobre a tumba que guardava como uma figura medieval retirada de uma catedral gótica, suas asas escuras abertas contra o céu. O luar enganoso brincava com os traços rasgados pelas chuvas, dando a impressão de que eram rugas fundas abertas por lágrimas. As dobras de mármore de sua túnica pareciam mover-se levemente e flutuar para longe do corpo. Por um longo momento ele ficou ali, mesmerizado pela visão celestial e estendeu a mão para tocar a forma de uma perna oculta pelas vestes, imaginando como o mármore era capaz de se disfarçar de tal maneira a parecer macio como carne ou sutil como tecido, quando não era nada mais que pedra fria e dura.

Então seus olhos caíram sobre a inscrição, claramente visível à luz agora oblíqua do luar e seu sangue pareceu congelar! “ANGELIQUE BOUCHARD, 1774-1796”. E ainda, um pouco mais abaixo, “O AMOR DORME NO ABRAÇO DA MORTE”. Ficou horrorizado. Era o túmulo de Angelique! Mas quem colocara aquele memorial sobre ele? Um anjo! Santo Deus! Sem a menor dúvida, era a mais absurda das representações, pensou, baseada superficialmente, talvez, no nome dela, mas tão incongruente com a vida da mulher que representava.

Ele estremeceu inconscientemente, uma vez mais, ao pensar nela — Angelique — sua amante e sua nênese, agora falecida, enquanto ele, que a vencera para sempre, ainda respirava sobre a terra.

Subitamente, a imagem do anjo foi transformada em sua mente. Não estava mais agraciada por uma santidade gentil, parecia antes macabra e ameaçadora. Barnabas recuou, mais perturbado do que curioso e sua busca pelo túmulo de Josette havia perdido toda a importância. Ele começou a caminhar de volta até o portão, pretendendo retornar a Collinwood, quando viu de relance a mulher que contemplara um pouco antes — atrás das lápides mais afastadas. Era ela!

Ela se movia rapidamente, sua forma esfumaçada balançando entre as tumbas. Sua garganta se apertou e uma nova energia pulsou em seus membros. Desta vez, ele estava determinado a fazê-la parar e correu em direção à sombra como se ela representasse sua liberdade da escuridão.

Alguns momentos depois, surpreendeu-se ao se encontrar fora do cemitério e no terreno que rodeava a Casa Velha. A mansão parecia flutuar à luz do luar, como um palácio fantástico. Ele chegou aos degraus de tijolos desgastados e sua mão tocou um grande pilar alabastrino. Sentia-se ofegante. O pórtico se achava deserto e somente o vento assobiava por entre as colunas, lançando folhas cobertas de geada pelo longo corredor da entrada. Não podia ver a mulher em parte alguma, estava intensamente desapontado e furioso consigo mesmo por tê-la perdido. Sentia um pressentimento vago de algum perigo e sacudiu-o de sua mente com impaciência, até mesmo com cólera, enquanto subia os degraus.

E ali, de repente, à sombra do pórtico, ele a contemplou mais uma vez. Alguma coisa em sua postura parecia indicar que ela esperava por ele. Percebeu a vitalidade em seus movimentos enquanto ela se virava para a porta. A curiosidade agora queimava suas entranhas. Tinha certeza de que era um fantasma e que pretendia atraí-lo para o interior da casa.

Novamente ele hesitou. Seria uma temeridade arriscar-se a entrar ali? Ele estivera curado somente por um mês, mas a dor de sua

transformação se abatera e desembocara em um conjunto de pequenos desconfortos aborrecidos, cada sinal apontando para o sucesso da medicação e para a permanência de sua mudança. Contudo, já se haviam passado muitos anos desde que ele sentira a necessidade de experimentar aquilo que se costumava chamar de coragem. Ele tinha sido temerário e arrogante em sua mocidade, antes mesmo de ser amaldiçoado, demonstrando um desejo intemorato por aventuras. Agora, mais uma vez, a vida lhe apresentava um desafio. Ele estava ansioso por correr o risco, para experimentar sua força novamente contra os perigos do mundo, para retomar sua posição no mundo dos vivos. E aquela casa lhe trazia tantas recordações! Ele sentiu uma dor aguda de remorso pelo fato de que seria agora demolida. Subitamente experimentou um desejo violento de caminhar através das salas e corredores pela derradeira vez. Empurrou a porta pesada e deu um salto para trás quando as dobradiças uivaram como um animal selvagem capturado em uma arapuca e o trinco aberto caiu de volta no seu encaixe com um clangor metálico.

Barnabas foi saudado por um silêncio tão profundo, que teve a impressão de que a casa inteira estava envolvida em veludo. Odores ao mesmo tempo desagradáveis e familiares lhe assaltaram as narinas: o mofo nos tapetes e cortinados, a poeira acumulada em camadas grossas sobre o mobiliário, as cinzas frias e úmidas na lareira e o cheiro enxovalhado de coisas abandonadas havia muito tempo, abrandado e amortecido por um véu de teias de aranha. Havia ainda um outro cheiro, menos sufocante, mas igualmente vil — o fedor pútrido de decomposição e morte. Pairava no ar como filetes de fumaça e parecia subir pelo assoalho, como se os ratos que haviam vivido no porão da casa condenada tivessem morrido de fome e apodrecido lá embaixo.

Ele atravessou a sala de visitas, o ruído de seus passos como uma batida oca de tambores e olhou para fora pelas janelas ogivais com caixilhos de chumbo. Pensou ter ouvido um som roçagante e se virou para examinar a sala. Estava vazia, exceto pelas sombras. Então escutou o som novamente e se voltou para a lareira imensa. Percebeu que

uma caixa de compridos fósforos de madeira tinha sido aberta e os palitos jaziam ali contra os tijolos refratários do fundo da lareira, mas a chaminé estava escura e fria. Acalmou seus nervos, fechou os olhos e escutou. Fantasizou que o ar estava sendo agitado por cochichos e murmúrios vagos, mas esperou, até ter certeza de que não escutava nada senão as batidas abafadas de seu próprio coração.

Moveu-se com determinação através do vestibulo e subiu a larga escadaria de balaústres pesados até os quartos do primeiro andar, em que Joshua, Naomi, Jeremiah, Sarah e tantos outros haviam dormido. Um fantasma entre fantasmas, ele percorreu cada quarto, seu olhar recaindo sobre alguma textura ou padrão dos tapetes e colchas que sua memória recordava. Todas as pinturas e artigos valiosos tinham sido retirados dali há muito tempo. Mas ainda havia papéis e fotografias, peças de roupa descartadas, berloques e artigos de toalete — os fragmentos indesejados de vidas inteiras — empilhados sobre as cadeiras desirmanadas ou jogados pelo chão.

Sentindo uma tristeza inescapável, foi olhar o quarto de Josette. As lembranças relampejaram em seu olhar interior e acariciaram seus sentidos enquanto ele revivia o frescor e a doçura de seu rosto. Recordou com uma dor vazia a delicadeza da mão que ela erguia para ser beijada, a modéstia de seu olhar quando tinham sido apresentados pela primeira vez e sua voz gentil: “*Monsieur* Collins. Meu pai me contou que você veio da América do Norte e que é um cavalheiro de reputação e encanto invejáveis. É um prazer conhecê-lo”.

Atraído pelo corredor traseiro, em que ficavam as acomodações dos criados, ele estava agora parado diante da porta do quarto de Angélique, uma das poucas que estavam fechadas. Seu coração pulou uma batida enquanto ele imaginava mais uma vez escutar o suave som de roçar e alguma coisa que se assemelhava a um suspiro. Fez uma pausa e então, descartando sua tola apreensão, girou a maçaneta.

O quarto estava gélido, porque a janela fora deixada aberta. Barnabas recordou-se das poucas vezes em que havia entrado neste quarto em dias passados. Era bastante semelhante aos outros, embora menor e menos refinado e ele percebeu, com um certo desgosto, que



seu relacionamento com Angelique em geral ocorrera no seu próprio quarto de dormir, na sala de visitas ou em outros pontos da mansão. Ele sempre sentira uma certa resistência em entrar ali e, das vezes em que o fizera, tivera simplesmente o propósito de desculpar-se.

Com uma dor aguda de remorso, ele se recordou da noite em que lhe pedira perdão, esperando que pudessem ser amigos, dizendo que sempre pensaria nela com afeto e ela, com sua sedução diabólica, lhe murmurara, dominando-o, derretendo sua resolução: “Minta para mim”, lhe sussurrara. “Se todas as suas palavras bonitas foram mentiras, então minta para mim de novo.”

Com um estremecimento, ele olhou a cama estreita, de fato mais um catre que uma cama, mas com travesseiros de cetim; e então girou o olhar para o pequeno toucador, um resto ambarino de perfume seco no fundo de um frasco de cristal. Um roupão verde desbotado, que ele reconheceu perfeitamente, com rendas meio rompidas ao redor da gola, estava pendurado no guarda-roupa aberto. Uma única luva enrugada e um chapeuzinho com uma pluma de avestruz frouxa estavam na gaveta de cima, grossos de poeira.

Ele estava a ponto de se virar para ir embora, quando o frágil tecido de organdi que ainda meio recobria as vidraças balançou na brisa e sua franja rasgada se ergueu por um momento, antes de cair de novo. Ele pensou que esta deveria ser a fonte do som que escutara anteriormente porque, mesmo que a noite estivesse agora tranquila, uma lufada de ar ainda sacudia a cortina. Enquanto olhava, a brisa ficou mais forte e fez correr as páginas de um pequeno livro que jazia entre a poeira do tampo de uma mesinha ao lado da janela, quase como se dedos invisíveis o estivessem a folhear.

Barnabas avançou para fechar a janela, percebendo o absurdo de seu gesto, já que a casa seria demolida na manhã seguinte e começou a sentir-se um pouco envergonhado, ao invadir, depois de tantos anos, este lugar privado que pertencera a alguém que ele conhecera havia tanto tempo. Melhor deixar que tudo fosse demolido com seus segredos, enterrado sob a terra. Este quartinho, pensou, traía as raízes provincianas de Angelique. Ela nascera, afinal de

contas, para não ser mais do que uma criada, apesar de suas pretensões à fortuna e nobreza. Nada havia neste pequeno quarto que falasse de uma natureza aristocrática.

E contudo, ela estivera determinada a se tornar sua esposa, até mesmo tentara forçá-lo a se casar com ela. Ela havia retornado infundavelmente, em cada uma de suas vidas, para zombar dele e persegui-lo com seus desejos insaciáveis.

Houvera ocasiões em que o rancor que sentira por ela fora tão intenso, que ele chegara a planejar sua morte e outras vezes em que ele ansiara por ela com uma luxúria incontrolável, feroz e incalculável. Houvera ocasiões em que ele soubera no fundo de seu coração que somente ela entendia o seu tormento, por ser a causa dele; e que somente ela compartilhava com ele seus segredos desesperados e seu profundo conhecimento do mal. Nesses momentos, ele se permitira um senso de unidade com ela e mesmo algo próximo de — caso ele ousasse pensar em tal coisa — alguma coisa semelhante ao amor. Se o amor é o primo do ódio, a única outra emoção capaz de consumir tudo o mais, então era verdade que ele sentira por ela um amor amargo, intenso e sem remorsos.

Ele estendeu as mãos para os postigos. O quarto de Angelique ficava no lado da casa que dava para o mar e lá, bem distante, o luar ainda fluuava, reluzente como um regato de prata, sobre a superfície das águas. Barnabas começou a tremer, porque a casa estava prenhe de recordações assustadoras. Ele não mais possuía a força de seus vinte anos ou o poder indomável de um apóstolo do Diabo. Era agora um homem comum e tão vulnerável quanto qualquer outro, não somente a perigos físicos, como à praga do terror. Cometera um grande erro em vir aqui. Ficou parado junto à janela, com medo de se mover, embora a ânsia que sentia agora de fugir dali fosse tão forte como uma dor física.

Novamente, uma brisa fria varreu o quarto. As páginas do livrinho se moveram como antes e, inegavelmente, ele escutou um suspiro e depois um leve gemido — como o gemido do prazer durante o amor — seguido de outro longo suspiro. Os cabelos de sua nuca se horripilaram e subitamente, teve plena certeza de que ela se encontrava ali.

Ele se virou e a viu, seu sangue virando gelo em suas veias. Ela estava deitada na cama estreita, que recém-estivera totalmente vazia, suas roupas transparentes espalhadas ao redor dela como o tecido do luar. Sob seu nevoeiro enfumaçado, ele podia ver a respiração de seu corpo e as curvas graciosas de suas coxas. Ela lhe estendia seus braços de marfim e ele contemplou de relance o brilho de seu olhar e o convite em seu sorriso. Com um esforço selvagem, ele recuou, girou nos calcanhares e se lançou em direção à porta.

Correu como um louco, tropeçando pelo corredor escuro, sem parar até que chegasse à sala de visitas obscurecida. Ele mergulhou em direção à lareira, suas mãos tremendo desajeitadamente por sobre os fósforos espalhados, tateando, quebrando, amaldiçoando, até que, finalmente, conseguiu acender uma chama minúscula. Ele a segurou entre as mãos em concha, as palmas tremendo, caiu de joelhos e encostou a flama à fimbria da cortina mais próxima.

O veludo esgarçado pegou fogo imediatamente e reluziu, enquanto uma corrente de fogo subia pela beirada do tecido e hesitava por um momento abaixo da costura grossa da franja dourada, antes de explodir em chamas. O fogo chiou até em cima, mais alto que as janelas, empapando a sala com uma aura dourada, enquanto cantava com o som de um incêndio. Ele arrancou fora a cortina e uma parte dela caiu no chão, já em chamas, e ele a arrastou em direção a uma tapeçaria desbotada que também começou a arder. Agora a sala inteira reluzia com as chamas do Inferno e estava cheia do som de um rugido, ensurdecedor e implacável. E depois, enterrado nas profundas desse som — reverberando, pulsando, troçando dele — escutou o eco do riso enregelante de Angelique.

Barnabas pulou porta afora, fugindo através da noite e só conseguiu parar quando já estava em seu próprio quarto na mansão de Collinwood. E lá, através da segurança de sua janela fechada, ele pôde ver o brilho que rasgava a fimbria da noite, enquanto a Casa Velha ardia como a tocha de um vulcão distante refletida contra a escuridão do céu.